

RESENHA / REVIEW

Revista de
LETRAS

MENG, LINGZI. *GENDER IN LITERARY TRANSLATION: A CORPUS-BASED STUDY OF THE ENGLISH TRANSLATIONS OF CHENZHONG DE CHIBANG*. SINGAPORE: SPRINGER, 2019, 169 P.

Por/By: Jinnye Altamira de Paiva Melo*

Por/By: Luana Ferreira de Freitas**

Gender in Literary Translation: A Corpus-Based Study of the English Translations of Chenzhong De Chibang, escrito por Lingzi Meng, faz parte de uma série que publica monografias baseadas em estudos de corpora no contexto de estudos interculturais. Este é o volume três da série e tem uma maior aproximação com a disciplina Estudos da Tradução. O livro se divide em seis capítulos: Introdução; revisão de literatura; quadro teórico; metodologia; resultados e discussão; conclusão. O volume analisa duas traduções para a língua inglesa do livro de ficção chinês Chenzhong De Chibang (1981) de Zhang Jie, escritora bastante conhecida da literatura chinesa. O romance foi publicado pela editora People's Literature Publishing House em Pequim e seu sucesso foi imediato, chegando a ser premiado pelo Mao Dun Literature Prize como ficção em 1985. Uma das traduções, *Heavy Wings*, é de Howard Goldblatt e foi publicada pela Grove Weidenfeld em Nova Iorque em 1989. A segunda, *Leaden Wings*, foi traduzida por Gladys Yang e publicada pela editora Virago Press em Londres, 1987.

No capítulo introdutório, a autora faz uma síntese de como questões de linguagem se entrelaçaram com questões de gênero por meio do movimento feminista. Contudo, até o fim do último século, a maioria dos estudos de gênero e linguagem tinha uma abordagem do “déficit”, do “domínio” ou da “diferença”. A primeira é um modelo que acredita na desvantagem das mulheres enquanto usuárias da linguagem, pois a utilizam de forma mais submissa e um tanto incerta. A abordagem do “domínio” vê tanto nas mulheres como nos homens padrões que manifestam a ordem patriarcal da sociedade. Já o modelo da “diferença” é baseado na noção de que há “duas culturas” na socialização de homens e mulheres. Todavia, a partir da década de 1990, a maior parte dos pesquisadores dos estudos de gênero e da linguagem passaram a ver esses tipos de abordagem como problemáticos, visto que a dicotomia do masculino versus feminino pode levar a generalizações prejudiciais. (MENG, 2019, p.1-2)

Para uma conceitualização de gênero sem polarizações, um eixo alternativo se volta para a linguagem como conexão das estruturas individuais e sociais. Essa perspectiva, como aponta a autora, foi resultado da influência do pós-estruturalismo nos estudos de gênero, assunto aprofundado nos dois capítulos seguintes, assim como a forma com que tudo isso chega à disciplina Estudos da Tradução. As primeiras discussões em volta de gênero e tradução foram impulsionadas durante a “segunda onda” do feminismo e elas tinham um ímpeto de “remediar” a linguagem patriarcal. As tradutoras feministas, assim como as escritoras, tinham o desejo de emancipar a mulher da opressão patriarcal da linguagem através de uma renovação completa desta linguagem. Para isso, as tradutoras faziam inovações linguísticas para traduzir escritas experimentais feministas, estudavam o texto fonte por uma perspectiva feminista para intervir nele com algumas mudanças mais explícitas. Também, na História e Crítica da Tradução, elas procuraram resgatar obras de tradutoras e escritoras que tinham sido ignoradas no patriarcado, além de criticar e retraduzir obras canônicas por um olhar feminista. Elas também reivindicaram a identidade e a visibilidade dos tradutores, confrontando a noção de equivalência ao dar ênfase aos processos de tradução. Porém, a autora acredita que mesmo com a indiscutível contribuição que teve a teoria e

*Mestranda em Estudos da Tradução na POET, UFC. Bolsista de pesquisa CAPES. E-mail: jinnepm@gmail.com

**Professora da UFC. Coordenadora da POET. E-mail: luanafreitas.luana@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0165-421X>

prática da tradução feminista, a visão é um tanto quanto radical e ela também seria desafiada pelos conceitos pós-estruturalistas. (MENG, 2019, p.3-4)

Apesar disso, a maioria das publicações sobre questões de gênero e tradução ainda tem uma perspectiva de gênero essencialista, com foco nas mulheres como minoria em uma posição de subordinação a um patriarcado. Pesquisas sobre o aspecto discursivo de gênero ainda são escassas, conforme a autora. (MENG, 2019, p. 4). Portanto, essa pesquisa também vem contribuir para fomentar a discussão de Gênero e Estudos da Tradução sob uma perspectiva discursiva de Gênero e Linguagem, a partir das conceitualizações do pós-estruturalismo. Utilizando o quadro teórico da Análise Crítica do Discurso, o estudo procura responder as seguintes perguntas de pesquisa:

Como os tradutores, homens e mulheres, constroem suas identidades de gênero através da tradução; Como eles representam o gênero constituído no texto fonte na tradução; Como a identidade do tradutor interage com a identidade de gênero, isto é, até que ponto as restrições às quais a tradução é sujeita, e como as questões de fidelidade e invisibilidade podem intervir na construção e representação do gênero no texto alvo; Como pode ser compreendida a construção e representação de gênero nas traduções de tradutores homens e mulheres através de uma noção discursiva e pós-estruturalista, e quais são os discursos que configuram a forma como gênero é representado e construído nas traduções literárias pelos tradutores. (MENG, 2019, p. 4-5)

No segundo capítulo, a autora parte para a discussão mais aprofundada do cenário atual da pesquisa nos Estudos de Gênero e Tradução. Nesse sentido, o trabalho se utiliza da categorização de *von Flotow* que divide em dois paradigmas as pesquisas atuais na área de Estudos da Tradução e de Gênero. O primeiro paradigma, derivado da segunda onda do feminismo, é o que agrupa a maioria das publicações do campo. Nesse paradigma há dois pressupostos: Uma é que homens e mulheres são grupos distintos de pessoas que não são igualmente privilegiados, onde as mulheres ocupam uma posição subordinada. E a outra é que gênero tem uma série de características biologicamente determinadas e diferentes em homens e mulheres, mas que ambos têm suas respectivas feminilidades e masculinidades socialmente construídas. O segundo paradigma, influenciado pela terceira onda do feminismo, pressupõe que gênero é um processo discursivo e performático além de não ser biologicamente determinado ou fixo. Esse é um conceito pós-estruturalista de gênero como discursivo e a identidade como variável que se inicia nos primeiros anos da década de 1990 e os Estudos de Gênero e Tradução começaram a responder a ele no final da mesma década. (MENG, 2019, p. 8-22)

No terceiro capítulo, quadro teórico, a autora apresenta com mais detalhes as teorias pós-estruturalistas que fizeram parte de sua pesquisa. Como é explicado, para essas teorias pós-estruturalistas, a linguagem é o meio pelo qual se analisa o indivíduo, a questão do poder e as organizações sociais. Porém, a realidade social não tem significados intrínsecos fixos os quais a linguagem apenas expressa. Na verdade, para essa perspectiva, a linguagem *constitui* uma realidade social. O pós-estruturalismo, então, coloca em xeque o signo Saussuriano, pois argumenta que o significado de um significante nunca é fixo, mas que o significado está em constante movimento em uma cadeia de significantes. Assim, sua localização nunca é precisa. Já que a linguagem não é fixa, os indivíduos têm várias opções discursivas para constituir sua subjetividade, esta sendo historicamente específica também. Por esse viés, o pós-estruturalismo propõe que a subjetividade é variável e sempre em processo, sempre em reconstrução pelo discurso. (MENG, 2019, p. 30-31) Portanto, a autora escolhe uma abordagem da Análise Crítica do Discurso para a pesquisa, além do estudo de corpora.

No quarto capítulo, ela discute minuciosamente a metodologia de corpus utilizada. A análise e discussão dos resultados estatísticos do uso da linguagem nos dois tradutores vêm no capítulo seguinte. Neste capítulo, ela discute o uso de verbos modais, adjetivos atenuantes ou intensificadores, palavras enfatizadoras, entre outros. Por exemplo, na questão dos verbos modais, a autora percebeu que Yang deixava transparecer um tom de “obrigação” e “hesitação”, enquanto que em Goldblatt o uso de modais para indicar “habilidade” é mais significativo. O uso de modais de “obrigação” implica uma expressão de subordinação e obediência. Ser hesitante na linguagem pode indicar uma incerteza sobre o que foi dito ou que a pessoa pretende ser educada e agradável. (MENG, 2019, p. 82-83) Aqui a autora lembra que essa entonação incerta e educada é um aspecto

atribuído à “linguagem das mulheres” segundo a professora de linguística Robin Lakoff. Não fica claro se esta seria a mesma opinião da pesquisadora, mas ela frisa adiante que o uso enfático de modais que expressam “habilidade” em Goldblatt pode sugerir uma expressão de poder e relutância em parecer incerto ou obediente.

No ponto anterior de sua análise, onde ela discute seus resultados com o estudo de corpora, é possível questionar se algo além da idiosincrasia dos próprios tradutores seja mesmo passível de discussão, mas no quinto capítulo a análise segue um caminho certo em apresentar as questões discursivas envolvidas nas duas traduções. É nesse ponto que a autora começa a explicitar sua própria leitura do assunto, citando exemplos dos textos de como os tradutores constroem sua identidade de gênero de forma diferente em alguns aspectos da linguagem, mas similares em outros. Um exemplo interessante de similaridade foi a tradução das palavras chinesas “人” e “人” que incluem homens e mulheres, são equivalentes semanticamente às palavras “pessoa”, “humano”, “indivíduo” ou “pessoas”. Se essas palavras são usadas sem referência a gênero, há uma possibilidade que se traduza como “homem” ou “ele” se o tradutor não estiver em resistência consciente a esse tipo de sexismo linguístico, como explicita a autora. O uso de “homem” e “homens” como tradução para essas palavras específicas e para se referir aos seres humanos de modo geral são percebidas em ambas traduções. Com este e alguns outros exemplos, ela mostra que, mesmo com o cuidado de Yang em não ceder a uma linguagem patriarcal, isso ainda acontecia sem que ela percebesse, devido a mecanismos discursivos.

Na conclusão, a autora procura responder as perguntas de pesquisa às quais se propôs no primeiro capítulo. Concluindo ao dizer que mesmo que um homem e uma mulher demonstrem diferentes comportamentos linguísticos e que isso represente sua identidade social, há momentos em que essas fronteiras se dissolvem e mostram que não há nada fixo na natureza subjetiva de alguém. A fluidez dessa natureza é também resultado dos muitos agenciamentos do indivíduo, que pode resistir e contradizer os discursos vigentes, criando novos significados. (MENG, 2019, p. 136) Cada capítulo é um assunto que será bem explorado por meio de pesquisa e teoria, com uma média de duas páginas de referências bibliográficas, muito útil para pesquisas posteriores. Em certos pontos é possível perceber um entrelaçamento de muitas vozes que constitui o texto como uma leitura mais densa, mas enfatiza a profundidade da pesquisa que pode ser referência para quem se interesse tanto por questões de Gênero em Estudos da Tradução como por Estudos de Corpora. Há também inegável contribuição à área de Estudos Culturais, assim como à área de Estudos de Gênero e Linguagem.